



CORPO DE DELITO



RUI
PATRÍCIO

“Dracarys” e o fogo de Nietzsche

Acabou **A Guerra dos Tronos** e, entre questões sobre a última temporada e o desfecho, continua a questionar-se a popularidade intensa e generalizada da série. Creio ser fácil perceber a popularidade, tal como é fácil responder a quem por vezes me pergunta (com inusitado “elitismo” ou inútil pretensão) como é possível que eu goste tanto de algo que tem dragões e outras fantasias: é que os dragões (e o fogo que cospem sob o comando “*dracarys*”) e outros efeitos especiais da mesma categoria imaginativa são apenas adereços que – embora contribuindo para colorir o entretenimento e alimentar a criança ainda ávida e sonhadora que há em cada um de nós – pouco ou nada têm que ver com o essencial da série e que, a meu ver, a torna tão popular e, diria eu, tão boa. É que ela é um bem elaborado e profundo conto moral que lida com tudo aquilo que, desde que o tempo é tempo e a humanidade é humanidade, faz girar o (nosso) mundo: medo, amor, afetos, rejeição, insegurança, vida e morte, desejo, sexo, dinheiro, traição, confiança e outras tantas coisas, tão viscerais quanto complexas, que são o mais fundo de nós, de cada um e de todos. E, acima de tudo, poder. Este conto, que é sobre tudo aquilo, é sobretudo sobre o poder, como fascina e atrai, como se conquista, como se conserva, como se

exerce, como se perde. E como alimenta ou queima, como orienta ou corrompe, como faz viver ou morrer, como constrói ou destrói. Corrijo, não é “ou”, é “e” porque, na verdade, não se trata de alternativas, trata-se de vertentes que estão sempre presentes, ora dominando umas, ora dominando outras. E é também isso que enriquece tanto este profundo – embora aparentemente fantasioso e cheio de adereços – conto moral. Nada é simples, e nada é preto ou branco, tudo tem matizes, e o poder tem-nas acima de tudo.

É melhor ser amado ou ser temido? – pergunta clássica sobre o poder. As respostas ora pendem para um lado, ora para o outro. Mas talvez a resposta certa seja um misto de ambos os fatores. Ganham os “bons” ou os “maus”? – outra pergunta clássica, e mais uma vez com respostas a cair para a esquerda ou para a direita. Embora a virtude talvez esteja na constatação de que a dicotomia é pobre e redutora e que, como no celebrado título do livro de Friedrich Nietzsche, a questão se não possa reduzir a (ao) “bem” e a (ao) “mal”, e esteja para além deles, ou melhor, diria eu, na conjugação deles e na tentativa do seu equilíbrio. E é também por isso que eu achei muito feliz, simbolicamente, a atribuição do Trono de Ferro a Bran, O Quebrado, em vez das opções mais óbvias, a temida Daenerys ou o amado Snow, pois Bran não só não é nem inteiramente “bom” nem inteiramente “mau” mas, sobretudo, é o guardião da memória, e a memória, depositária da complexidade e dos matizes de que tudo é feito, é o melhor guia para o futuro. Assim disse o Tyrion, a mais inteligente personagem e a fantasia mais moral (talvez porque a mais ambígua e complexa) desta boa série.

A Guerra dos Tronos faz girar o (nosso) mundo: medo, amor, afetos, rejeição, insegurança, vida e morte, desejo, sexo, dinheiro, traição, confiança e outras tantas coisas, e acima de tudo poder

Escreve quinzenalmente
à sexta-feira